

THEY LIVE / 1988 *(Eles Vivem)*

um filme de John Carpenter

Realização: John Carpenter / **Argumento:** Frank Armitage (pseudónimo de John Carpenter), baseado no conto *Eight O'Clock in the Morning* de Ray Nelson / **Direcção de Fotografia:** Gary B. Kibbe / **Direcção Artística:** William J. Durrell Jr. e Daniel A. Lomino / **Cenários:** Marvin March / **Música:** John Carpenter e Alan Howarth / **Som** (supervisão): Jeffrey L. Sandler / **Montagem:** Gib Jaffe e Frank E. Jimenez / **Efeitos Especiais:** Roy Arbogast e Jim Danforth / **Interpretação:** Roddy Piper (Nada), Keith David (Frank), Meg Foster (Holly), George "Buck" Flower (Drifter), Peter Jason (Gilbert), Raymond St. Jacques (pregador), Jason Robards III (homem de família), John Lawrence (homem de barbas), Susan Barnes (mulher morena), Sy Richardson (revolucionário negro), etc.

Produtor: Larry J. Franco / **Produtores Executivos:** Andre Blay, Shep Gordon e Sandy King / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, scope, colorida, falada em inglês com legendas em português, 94 minutos / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Berna e S. Jorge, a 19 de Maio de 1989.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo

*Stay asleep.
No imagination.
Submit to authority.
(o que "eles" querem)*

Os anos 80 não foram os anos mais felizes da carreira de John Carpenter. Recapitulemos brevemente, porque as frustrações acumuladas durante esse tempo foram importantes para a "raiva" com que o cineasta se atirou a um filme como **They Live**. Depois dos seus grandes sucessos dos anos 70, rodados com pouco dinheiro e recompensados com muito (essencialmente o quarteto formado por **Assault on Precinct 13**, **Halloween**, **The Fog** e **Escape From New York**), o cineasta foi, como costuma acontecer com tantos outros em circunstâncias idênticas, absorvido pelo "sistema" e pelo "mainstream" de Hollywood – ou deixou-se absorver por ele, o que vai dar quase ao mesmo. A experiência não correu muito bem. O feitiço rebelde de Carpenter, a sua feroz necessidade de independência, impediram uma existência feliz no esquema condicionado de funcionamento dos grandes estúdios (que, de resto, nos anos 80 já não funcionavam exactamente da mesma maneira que os grandes estúdios da época clássica, tendo-se tornado, acima de tudo, grandes corporações). Acresce que os resultados no box-office ficaram, por regra, aquém das expectativas. Os próprios filmes sofreram um pouco com isso, e mesmo que não tenham deixado de ser "Carpenter movies", o realizador sentiu o perigo da descaracterização completa e a ameaça de se tornar apenas "mais um" cineasta anexado pelos grandes estúdios e reduzido ao bom

comportamento. Podia escolher aceitar esse destino e render-se, ou não. Não se rendeu, saltou borda fora e regressou às origens.

O primeiro filme desse regresso às origens foi **Prince of Darkness** em 1987, não por acaso (revigoração *oblige*) um regresso ao tom e ao espírito dos primeiros Carpenters. Depois veio este **They Live**, o filme da vingança de Carpenter sobre os anos 80, a plena assunção de uma dimensão política furiosamente combativa – este é, com muito poucos concorrentes à altura, o grande filme político do cinema americano dos anos 80.

Para salientar o carácter vingativo do filme lembremos que 1988 marcou o fim da era Reagan, que nesse ano deu lugar ao seu sucessor Bush Sr, para quatro anos de confirmação do fim do “reaganismo” até à chegada de Clinton em 1992. **They Live** é um ataque muito directo ao statu quo reaganista e aos valores e às ordens por ele promovidas, à geração “yuppie” que foi um dos seus símbolos, à influência crescente do “corporate power”. É um filme *imediato*, que decorre numa espécie de estado de sítio, em carne muito viva, e por isso é fácil de perceber por que razão é tão combativo e tão guerrilheiro (poucos filmes americanos propõem assim a luta política armada, poucos filmes americanos serão assim tão “terroristas”...)

O que é genial é que a história de onde tudo parte (extra-terrestres que tomaram conta do planeta, ocupando os lugares de poder decisivo e as classes dominantes, e mantendo a população humana, excepto os vendidos, num estado de submissão induzida por métodos subliminares) podia ser uma inversão das histórias semelhantes mas de sinal contrário que nos anos 50 da histeria anti-comunista e anti-soviética (em parte ressuscitada pela administração Reagan, que alcunhou a URSS de “o Império do Mal”...) pulularam, exactamente em registo de ficção científica. Algo que, correspondendo seguramente a uma intenção de Carpenter, faz de **They Live** uma revisão irónica e mordacíssima do próprio substracto ideológico da série B de ficção científica americana dos “fifties” – e assim, virando tudo do avesso, Carpenter obviamente reforçou a dimensão política deste seu filme.

E atenção à cena chave do filme, normalmente bastante incompreendida, e de que muita gente critica a “desnecessária duração”. Falamos, claro, da longuíssima cena de pancadaria entre os dois protagonistas, quando um deles tenta convencer o outro a pôr os óculos escuros que permitem reconhecer os extra-terrestres “*unter uns*”. Ora parece evidente que essa cena não podia deixar de ter a duração que tem, *e é por ter a duração que tem* que se transforma na cena-chave do filme. Aquela luta está algures entre uma conversão, um exorcismo e o despertar de um torpor – leva tempo, mas a certa altura a personagem de Keith David, finalmente, *vê*. A verdade às vezes esconde-se, às vezes é incrível, mas mais tarde ou mais cedo a gente vê. Então é o tempo de fazer qualquer coisa. É o filme que o diz. E às vezes os extra-terrestres não sabem muito bem com quem se metem. É o que o filme mostra.

Luís Miguel Oliveira